



O Trauma Alemão: Uma Obra que Procura Entender o Caráter de Uma Geração de Alemães do Pós-Nazismo Gitta Sereny¹

Adilvane SPEZIA²

Elias José MENGARDA³

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM – RS

Centro de Educação Superior Norte RS – Cesnors

RESUMO

O trabalho apresentado analisa a obra “Trauma Alemão”, de autoria de Gitta Sereny (2007), quanto ao tipo de narrativa utilizada pela autora. A tipologia da narrativa apresenta diversos modos de narrar, sobressaindo-se a literária, jornalística, histórica e biográfica. Nas narrativas é possível o emprego de textos de cunho narrativo, descritivo, dissertativo, dissertativo-narrativo e narrativo-dissertativo. A obra “*O trauma alemão: experiências e reflexões, 1938-2000*” é uma narrativa que se centra em fontes vivas ou documentos secretos sobre alguns dos personagens mais enigmáticos e complexos do regime nazista, empenhados no extermínio dos judeus. A obra é também uma tentativa de explicar a reação dos jovens frente ao comportamento da geração que viveu o drama da guerra e da derrota.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo, História, Trauma Alemão, Tipologias da Narrativa.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretende-se analisar e avaliar a obra *O trauma alemão: experiências e reflexões, 1938-2000*, escrito por Gitta Sereny (2007) e verificar a partir das tipologias da narrativa, qual ou quais tipologias se destacam em sua obra. Quando falamos em tipologia da narrativa, podemos classificá-las em literária, histórica, documental, jornalística e biográfica.

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/Cesnors, e-mail: adi.jornalismo@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFSM/Cesnors, e-mail: eliasmengarda@yahoo.com.br



A autora apresenta em sua obra as reflexões e experiências vividas por ela durante a Segunda Guerra Mundial. Ela resistiu ativamente à ditadura, exercendo funções importantes durante e após a guerra, realizando uma reflexão sobre os efeitos da violência que traumatizou milhões de pessoas.

A autora utilizou a narrativa como forma de descrever, narrar e dissertar sobre *O Trauma Alemão*, o qual ainda nos dias de hoje é um tema delicado de ser trabalhado. Deve-se ressaltar a motivação da autora em refletir sobre a Alemanha de 1938 até os anos 2000 e o que leva o ser humano, considerado em sua individualidade, a ceder ao mal, ou a resistir a ele.

Este artigo apresenta os conceitos teóricos sobre as tipologias das narrativas tanto literárias, jornalísticas, históricas e biográficas. Do ponto de vista da reportagem narrativa é possível que os textos se apresentem de modo narrativo, descritivo, dissertativo, dissertativo-narrativo e narrativo-dissertativo.

Para realizar essa análise utilizei-me dos conceitos definidos por Coimbra (2004) e Garcia (2006), quanto às características textuais que permeiam a narrativa de Sereny (2007). Aos escritos de Magalhães, Travaglia (2003), Gritti (1972), Fiorin e Savioli (1990), Medina (1988), Rösen (2001), Schmidt (1997) e Cortazzi (1993), quando direcionei-me as Técnicas de Redação e Tipologias Narrativas citadas.

2 TIPOLOGIAS DA NARRATIVA

O termo elemento tipológico é usado para designar qualquer classificação que uma sociedade e cultura possam dar a um texto, segundo Travaglia (2003):

o elemento tipológico identifica uma classe de textos que têm uma dada caracterização, mas distintas das características de outros elementos tipológicos, o que permite diferenciá-los. Diversos elementos destes têm características comuns, como é o caso de todos os elementos tipológicos de caráter narrativo (exemplo: as novelas, notícia, conto de fadas), que vão ter em comum características de narração, mesmo que a realizadas de diferentes formas. Sempre haver, características que permitam distingui-los entre si (TRAVAGLIA, 2003, p. 147).



A narrativa pode ser assim representada como um estado de equilíbrio inicial, que define uma situação estável, ou, uma ação transformadora que corresponde à intervenção de uma força perturbadora acarretando um estado de desequilíbrio, uma ação transformadora que corresponde à força da reação da qual decorre um estado final de equilíbrio. Por isso dentro desta perspectiva, três categorias tecem o esquema narrativo: exposição, complicação e resolução. Podem completar o esquema uma avaliação e uma moral.

O texto narrativo ostenta uma dimensão temporal: os comportamentos que nele se processam têm relações mútuas de anterioridade e de posterioridade. Sua característica fundamental são as ações de pessoas, subordinadas às descrições de circunstâncias e de objetos. Assim como podemos ver nas narrativas literárias, jornalísticas, históricas e biográficas.

2.1 Narrativa literária

A adoção do modelo de estrutura de narração no texto de imprensa nos traz de volta à questão da relação do texto com o referente, com o contexto extraverbal. A representação do real – a diegese – num conto, num filme, diz Gritti (1972), “parece diferir da representação do real de uma narrativa de jornal, pois emana de uma criação de fábulas”.

Não existe conteúdo específico para a narrativa literária nem conteúdos avessos ao seu domínio. O caráter ficcional e não-ficcional dos textos cria uma dificuldade de como discernir o real do fictício, em situações específicas como a de um texto religioso. O texto literário tem uma função estética, nele o plano de expressão não serve apenas para veicular conteúdos, mas recria-os em sua organização, de um modo que importa não apenas o que é dito nele, mas como se diz. Ao resumi-lo perde-se o essencial dele. Além disso, cria novos significados para as palavras, por desautomatizá-las, ao estabelecer relações inesperadas e estranhas entre elas (cf. Fiorin e Savioli, 1990, p. 349 – 53).

Existe uma fronteira entre a narrativa literária e a jornalística, não sendo facilmente demarcáveis. Deve ser enfatizado que o plano de expressão do conteúdo informativo é também valorizado no jornalismo, em geral, e especialmente na reportagem narrativa.



2.2 Narrativa jornalística

A narrativa jornalística é comandada pelos acontecimentos do dia a dia e tem função utilitária, pois, visa informar. A ação representada ou a ação vivida ocorre nas mesmas categorias. Gritti (1972) acrescenta que “no instante em que o acontecimento é apresentado, o vivido transforma-se em representação, o dado circunstancial é apreendido segundo as “categorias” da narrativa”.

Para Medina (1978), “narrar alguma história não é mais viver essa história”. O fragmento de tempo posterior que a narrativa representa é a passagem fundamental para uma realidade substituída, um esforço prolongamento do instante anterior. Por isso, a narrativa é um universo simbólico com características e funções. Tanto faz que se trate de uma narrativa inteiramente ficcional ou de uma narrativa jornalística.

Uma reportagem, uma entrevista ou série de entrevistas, uma vez obtidas em campo (o real) são estruturas em um texto, a que tecnicamente se dá o nome geral de matéria. Haverá, portanto, uma ação para se 'contar' na matéria.

A valorização do plano de expressão no jornalismo tem que respeitar o compromisso com a clareza, decorrente da obrigação de informar. Ao contrário do que ocorre com a Literatura, estará vetada a produção de texto radicalmente autocentrado – sem a função referencial da linguagem – através do qual, se obtenha não alguma forma de captação do real, mas apenas efeitos expressivos, tais como ritmo, rima, sonoridade e simetria. O texto jornalístico nunca poderá ser “opaco”, interpondo-se entre a leitura e os acontecimentos narrados. Ao invés disto, deverá ser sempre transparente.

2.4 Narrativa histórica

A aprendizagem histórica é a consciência humana que vem em destaque nas narrativas, no ato de contar histórias, a qual é uma forma coerente de comunicação e de tratar da identidade tanto do comunicador como do receptor. Isto ocorre porque as narrativas são produtos da mente humana e, com seu auxílio, as pessoas envolvem lugar e tempo de uma forma aceitável por elas próprias. Assim defini Rüsen:



a narrativa histórica tem uma especificidade, a de que os acontecimentos articulados narrativamente são considerados como tendo ocorrido realmente no passado. Além disso, a coesão interna da narrativa é constituída como a representação temporal que está vinculada à experiência e como significativa para o auto-conhecimento e para a orientação dos sujeitos narradores (RÜSEN, 2001, p.155).

Esta obedece a um recorte do tempo e fixa as recordações dos indivíduos e das coletividades, conservando o passado sem desfazer nem reconstruir os objetos desse passado. É a reconstrução de uma experiência vivida no eixo do tempo, realizada com um mínimo de conceitualização, que nunca é explicitada, estando oculta no interior da finalidade temporal que estrutura a narrativa como se fosse o seu próprio sentido.

A organização de materiais numa ordem de sequência cronológica e a concentração do conteúdo numa história coerente, embora possuindo subtramas. Distingue-se a história narrativa da história estrutural por dois aspectos essenciais: sua disposição é mais descritiva do que analítica, e seu enfoque central diz respeito ao homem, e não às circunstâncias. Por isso ela orienta a vida prática no tempo. Essa orientação é mobilizada através da memória da experiência temporal.

A temporalidade na narrativa histórica funciona como um instrumento de interpretação de experiências do passado e uma compreensão do presente. Os acontecimentos articulados narrativamente são considerados como tendo ocorrido realmente no passado.

2.4 Narrativa biográfica

Narrativa biográfica é contar a história de uma vida. Quando se pensa na biografia como um gênero narrativo se propõe traçar a história de vida de uma pessoa, partindo-se de um pressuposto inicial de que esta pode ser concebida como uma narrativa.

A prática biográfica busca a realização de um trabalho narrativo de fôlego, onde é possível explorar uma liberdade criativa, por vezes inviabilizada dentro das rotinas de produção das redações. Pensar a biografia como gênero jornalístico contempla a necessidade de estabelecer um dialógica da produção jornalística, enquanto campo de conhecimento, com outros saberes.



Ao trabalhar com histórias de vida, o jornalista põe o seu saber narrativo a serviço da memória. Na produção biográfica o "como" contar a trajetória de um indivíduo não é orientado por modelos prontos, pré-configurados em estruturas limitadoras, mas sim pelo fluxo singular dessa história de vida que ao ser narrada, projeta-se como uma experiência suscetível a inúmeras interpretações. Schmidt ressalta:

que o gênero biográfico emerge na história e no jornalismo no bojo de um processo de aproximação destas áreas com a literatura, o que implica uma incorporação do elemento ficcional e a adoção de determinados estilos e técnicas narrativas (SCHMIDT, 1997, p. 05).

A utilização de narrativa das pessoas para escrever ou reconstruir sua vida, ou para fazer a sua "história de vida", dá origem às chamadas biografias, que por sua vez, e de acordo com Cortazzi (1993), podem assumir formas diversas: autobiografias, biografias colaborativas, inquéritos narrativos e histórias.

Neste sentido, é um importante mecanismo de entendimento dessas liberdades de escolha dentro das estruturas normativas, que são, muitas vezes, contraditórias. Escrever uma história de vida é estar atento ao jogo relacional no qual o sujeito biografado esteve envolvido. Isso evidencia de forma clara como a trajetória de um indivíduo varia no tempo, fazendo da própria vida um tecido de histórias narradas.

3 REPORTAGEM

A reportagem amplia a notícia aprofundando o fato no espaço e no tempo. As informações reunidas são organizadas de forma cronológica a chamada pirâmide invertida, ou seja, é a ordenação das informações a partir do que é mais para o menos importante do texto. A reportagem pode ser dissertativa, narrativa, descritiva, dissertativa-narrativa e narrativa-dissertativa, que desafiam o jornalista e é conhecido pelo leitor por sua forma convencional de estruturação.



3.1 Reportagem dissertativa

O texto dissertativo enquanto composição é um conjunto de ideias associadas. Cada parágrafo é uma unidade de composição e deve conter uma ideia central, desenvolvida e acompanhada por outras, secundárias, às quais estão intimamente relacionadas pelo seu sentido. O desenvolvimento de ideias pode ser expresso nos diferentes tipos de construção de parágrafos.

O parágrafo facilita para quem escreve tendo a tarefa de isolar e, depois, ajustar convenientemente as ideias principais do seu texto, para que o leitor possa acompanhar o seu desenvolvimento. Garcia (1969) diz que o parágrafo do texto dissertativo deve ser suficientemente amplo para conter um processo de raciocínio e suficientemente curto para nos permitir a análise dos componentes deste processo.

Conforme Garcia (1969), não só a estrutura varia, mas sua extensão também. Esta depende da forma como foi dividido o assunto de que trata o texto. O parágrafo padronizado tem de 05 a 08 frases, entendendo-se por frase tudo o que está entre uma maiúscula e um ponto. Várias são as formas de iniciar-se um parágrafo, destacando-se: a estratégia do retardamento, a alusão histórica, a introdução com exemplo e a indagação ou introdução-interrogação.

Na estrutura do parágrafo o tópico frasal que vem em seguida, é o desenvolvimento. Pode ser frequentemente uma generalização, necessitando de explicações, narradas ou descritas detalhadamente e outros elementos que o justifiquem e o fundamentem. Há diferentes formas do tópico frasal e o desenvolvimento se relacionarem no parágrafo. Esses podem ser: enumeração, descrição de detalhes, confronto, comparação, exemplificação, causa e efeito, definição, divisão e exemplificação de ideias “em cadeia”, ordenação por tempo e ordenação por espaço.

3.2 Reportagem narrativa

Narrar consiste em construir o conjunto de ações que formam a história, o enredo e relacionar essas ações às personagens, seres que praticam ou sofrem os atos. A estrutura do texto da reportagem narrativa não se apoia num raciocínio expresso, porem contém os



fatos organizados dentro de uma relação de anterioridade ou posterioridade, mostrando mudanças progressivas de estado nas pessoas ou nas coisas (Fiorin e Savioli, 1990).

O texto narrativo pretende recriar a realidade, mostrando ao leitor um contínuo acontecer. Além de ser uma das mais importantes possibilidades da linguagem, é também uma das práticas mais comuns de nossa vida. A narração associa nossa observação do mundo com nossa existência, nossa memória e nossa imaginação.

Há também o vazio narrativo que aparece na inércia momentânea criada por um bloco de texto descritivo que interrompe a ação na narrativa, segundo Coimbra (2004). Isto exige a atenção do narrador que suspende o relato da continuidade da ação para se deter ao contexto presente onde ela ocorre.

É por meio dos focos narrativos que podemos narrar os fatos, identificados como: narrador protagonista em 1ª pessoa, narrador testemunha em 1ª pessoa, narrador onisciente em 3ª pessoa e modo dramático em 3ª pessoa. Já os personagens podem ser classificados em personagem: plana, redonda, referencial, anáfora e o figurante.

Ao falamos em tipos de espaço estamos nos referindo aos espaços dos acontecimentos recriados nos textos veiculados na imprensa. Distinguindo-se três aspectos característicos que o espaço pode assumir na narrativa: físico, social e o psicológico.

3.3 Reportagem descritiva

Descrição é a apresentação verbal de um objeto, ser, coisa, paisagem (até mesmo de um sentimento) por meio da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos seus traços predominantes, dispostos de tal forma e em tal ordem que do conjunto deles resulte uma impressão singular da coisa descrita. A finalidade da descrição é transmitir a impressão que a coisa vista desperta em nossa mente por meio dos sentidos.

Num texto descritivo podemos modificar a ordem das frases que não alteramos a relação cronológica das ocorrências, outra característica deste tipo de texto é o detalhamento. Quando se descreve algo, aquilo que é descrito está geralmente inserido numa história ou num raciocínio. Um objeto, não vale por si mesmo, nem paira autônomo, fora de sua



história ou de seu contexto. Não se descreve uma coisa, pessoa, lugar, época, sem levar em conta, ou subentender, a história desse objeto descrito.

Toda a descrição inicia com uma totalidade – o tema – em seguida, ser dividido em partes – nos subtemas. Encontrados os pedaços da totalidade realiza-se o detalhamento. Cada subtema é caracterizado, através de qualidades que lhe são atribuídas e das ações que executa. Além dos tipos de descrição: ser, paisagem, situação, mundo psicológico e mundo imaginário.

O bloco descritivo são trechos compactados e contínuos de natureza descritiva que interrompem o desenrolar da ação. Quando esses blocos são introduzidos pelo próprio narrador e forem muito extensos, podem criar vazios narrativos, se usados com habilidade podem auxiliar na criação do ritmo que deseja ser empregado pelo narrador.

A metáfora é a alteração do sentido de uma palavra ou expressão quando, entre o sentido que o termo tem e o que ele adquire, existe uma intersecção. Numa metáfora há a transferência de um termo para uma esfera de significação que não é a sua, em virtude de uma comparação implícita.

3.4 Reportagem dissertativa-narrativa e reportagem narrativa-dissertativa

A classificação de um texto em narrativo, dissertativo e descritivo se justifica apenas pela dominância nele de uma destas modalidades sobre a outra. Pode ser percebida pela maneira como cada modalidade integra cada texto. Na modalidade descritiva podemos encontrá-la presente no texto como fragmento descritivo, reportagem descritiva e bloco descritivo.

O texto dissertativo é organizado em torno de afirmações generalizantes, como o tópico frasal, seguidas de comprovações e fundamentações, através das quais se explica um raciocínio. Já o texto narrativo recria a realidade como se os fatos estivessem ocorrendo diante dos olhos do leitor. Os textos dissertativos e narrativos podem conviver harmoniosamente.



Na reportagem narrativa sempre há fragmentos portadores de informações sobre as personagens, os objetos, o tempo e o espaço que configuram o cenário das ações. A estrutura de um texto descritivo ainda que abrigue pessoas e coisas como a da reportagem narrativa, ao contrário dela, mostra-as fixadas num único momento, sem as mudanças progressivas que lhe traz o tempo. O que não significa ausência de ação ou movimento. Fiorin e Savioli (1990) mostram que os verbos de movimento por acaso existentes na descrição exprimem ações que ocorrem num único instante.

A descrição não é um processo desligado da narração e da dissertação. Magalhães reafirma: “a divisão que se faz em discurso narrativo, descrito e dissertativo é na verdade mais um efeito didático, uma vez que, geralmente, essas modalidades coexistem e se completam”. As opiniões, as reflexões, as avaliações e as considerações do narrador – que podem tomar a forma de um ou vários períodos dissertativos, dentro da narrativa – são digressões, utilizadas com frequência para adiar o prosseguimento da ação.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA

O livro “*O Trauma Alemão: Experiências e Reflexões 1938 – 2000*” escrito por Gitta Sereny é um doloroso passeio na Alemanha que viveu sob o regime nazista. Trata-se do relato de sua experiência com o país durante a Segunda Guerra Mundial e os anos posteriores. Foi publicado em 2007, porém, foram 30 anos de pesquisa, semanas e às vezes meses trabalhando nos temas desenvolvidos neste livro. Gitta Sereny nasceu em Viena em 1923, estudou na Áustria, na Inglaterra e na França. Entre seus livros anteriores estão *Albert Speer: sua luta com a verdade* (Bertrand Brasil, 1999).

O seu primeiro contato com os nazistas aconteceu em 1934, quando estava com apenas 11 anos de idade onde por acaso foi levada a um comício de Hitler em Nuremberg, e 4 anos depois quando estava em Viena, durante o *Anschluss* (conexão). Em 1940 estudando em Paris, a *Blitzkrieg* (ataque relâmpago) arrasou os exércitos dos Aliados. Sereny passa a trabalhar como enfermeira num *château* (castelo) na Loraine, a este período a França já estava ocupada, seu trabalho ali era procurar as crianças desaparecidas que haviam sido raptadas. Avisada de que seria presa em breve, fugiu para os Pireneus. Após a guerra



trabalhou em Campos de Refugiados de Guerra para a Agência das Nações Unidas de Socorro e Reabilitação a ANUSR, isso na Alemanha ocupada.

Gitta Sereny passa a ser escritora e o período nazista e o seu impacto sobre a Alemanha passa a ser um de seus principais temas. Sereny descreve os últimos 50 anos da Alemanha, num exame de culpa, das negativas e das decepções que de muitas e diversas formas os nazistas deixaram no seu rastro. Um de seus maiores interesses está em saber o que leva o ser humano a sucumbir à imposição do mal, ou a resistir a ele.

Em “O Trauma Alemão” Gitta escreve e descreve sobre pessoas, muitas das quais conheceu muito bem e envolveram profundamente nos acontecimentos deste período. Entre elas destaca Franz Stangl, o comandante da *Treblinka*, John Demjanjuk (o suposto Ivan, o Terrível), Leni Reiefenstahl, François Genoud, um suíço que ama Hitler e Albert Speer. Ela foi a 1ª a envolver-se na investigação dos chamados Diário de Hitler, dos quais apresenta suas próprias explicações diferente de outras, tendo claro de que foi muito mais complexo do que se possa imaginar. Escrevendo também sobre as pessoas que em cumprimento de ordens, na maioria das vezes sob pressão, podem ser vistas como fachadas de moralidade, o que torna sua conduta ainda mais lamentáveis.

A obra torna-se importante porque apesar de todas as conquistas políticas e sociais que a Alemanha teve desde 1944 e da sua evolução econômica, os horrores cometidos permanecem presentes na mente de todas as gerações de alemães até os dias de hoje, como se fosse uma “ferida aberta”, não de culpa pessoal, mas herdada da história. A verdade é que a dor dessa ferida é sentida tão intensamente por mais de meio século, tranformando de forma radical aquilo que tradicionalmente tem sido considerado “o caráter alemão”. Este é um dos tantos temas abordados em “O Trauma Alemão”.

Entre estas páginas está a própria vida da autora. A maioria dos relatos que são apresentados neste material foram reunidos especialmente para esta obra, acrescentando introduções explicativas das circunstâncias em que foram feitas e às vezes as consequências destas. Seu estudo e pesquisas resultou na condenação da crueldade humana mesclada com sua autobiografia, plena de peripécias. Também a tornou uma das testemunhas mais implacáveis do que foi o regime nazista.



5 ANÁLISE DA OBRA

Ao analisar os aspectos abordados por Sereny (2007) em relação às tipologias da narrativa podemos concluir que a autora explora as técnicas de cunho descritivo e narrativo sem deixar de passar pela dissertação efetivando assim uma mescla das matrizes textuais. As quais podem ser usadas juntas num mesmo texto, segundo Coimbra.

A descrição foi à técnica textual mais explorada pela autora. Ela usou-a para dar um ritmo ao texto, direcionando o olhar para o ambiente, realizando um descanso após uma passagem de ação e emoções mais intensas. Já as partes narrativas apresentadas aparecem intimamente misturadas às representações de ações e de acontecimentos que constituem o texto propriamente dito e nas representações de objetos, lugares e personagens que são o que se denomina descrição. É possível conceber textos puramente descritivos, visando à representação de objetos, pois esta é mais indispensável do que a narração, sendo mais fácil descrever sem narrar do que narrar sem descrever. Desta forma, a autora demonstra habilidade ao escrever sobre o tema, segundo ela os últimos 30 anos foram de trabalho, em que ela mesma vivenciou a *Shoah* e o *Terceiro Reich*.

A descrição permite perceber aos poucos as reações no interior da narrativa, pois, a necessidade de descrever leva a introduzir tal personagem. A descrição do espaço, que na obra é muito usada, encontra-se subordinada à análise psicológica, às reflexões morais. Por meio das imagens do cotidiano usadas na descrição auxiliam a autora no desvio narrativo depois de uma passagem muito ativa e agitada ou pesada, oferecendo um repouso para o seu leitor.

O texto dissertativo foi organizado em torno de afirmações generalizantes, como o tópico frasal, seguidas de comprovações e fundamentações, por meio das quais se explica um raciocínio. Onde a autora manifestou se o ponto de vista crítico sobre o tema em discussão, usando do bloco descritivo para interromper o desenrolar da ação de cenas.

A autora privilegiou o texto descritivo, fazendo com que o leitor pudesse imaginar os locais e ambientes aos quais estava descrevendo, como se a cena estivesse acontecendo diante dos olhos do leitor. Isso pode ser percebido pela maneira como cada modalidade integra cada texto. A mescla das matrizes textuais permitiu que a Gitta Sereny, além de



exaltar ou condenar um espaço ou outro, ajudou na elaboração externa/interna dos personagens, auxiliando na criação de um ritmo, o que permitindo uma boa leitura.

A autora usa das classificações disponíveis nas tipologias da narrativa para representar um estado de equilíbrio inicial, definido em uma situação estável. Este equilíbrio é exibido pela dimensão temporal entre os comportamentos que neles se processam e têm relações mútuas de anterioridade e de posterioridade. Sua característica fundamental é a ações de pessoas, subordinadas as descrições de circunstâncias e de objetos.

Na tipologia literária a autora faz a representação do real por meio de paráfrases e metáforas não se diferenciando da representação do real de uma narrativa de jornal. O texto não perdeu o seu valor literário, conseguindo apresentar os fatos de uma forma que se aproximem ao máximo da realidade.

Ao analisarmos *O trauma alemão: experiências e reflexões, 1938-2000* por meio da narrativa jornalística destacasse os acontecimentos do dia a dia e suas funções utilitária, visando sempre informar e documentar o que aquelas pessoas estavam passando. Procuramos focalizar tanto as ações representadas e as ações vividas pelos personagens e pela própria autora. Valorizando e respeitando o compromisso com a clareza, decorrente da obrigação de informar. Não deixando o texto jornalístico nunca perder ser “opaco”, interpondo-se entre a leitura e os acontecimentos narrados, sendo sempre transparente.

Os acontecimentos ali vivenciados são reportados a narrativa histórica já que está é a consciência humana destacadas na narrativa e no ato de contar histórias, a qual é uma forma coerente de comunicação e de tratar da identidade tanto do comunicador como do receptor. Isto ocorre porque as narrativas são produtos da mente humana e, com seu auxílio, as pessoas envolvem lugar e tempo de uma forma aceitável por elas próprias. As quais habilmente a autora usa em sua obra como um recorte do tempo e fixa as recordações dos indivíduos e das coletividades.

Guitta Sereny usa com habilidade da narrativa biográfica onde está narrar á própria história envolta ao *Shoah* e o *Terceiro Reich* antes durante e no pós-guerra, partindo de um pressuposto inicial, da qual é concebida como uma narrativa. Buscando a realização de um trabalho narrativo de fôlego afinal foram anos de pesquisa, investigação, apuração



e vivência, onde é possível explorar uma liberdade criativa estabelecendo uma dialógica da produção jornalística, enquanto campo de conhecimento, com outros saberes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Obra *Trauma Alemão* escrita por Sereny é uma obra que buscou ir às fontes vivas e secretas para entender o que foi realmente o regime nazista. A autora procurou aqueles dirigentes que estiveram à frente da administração de campos de concentração para, a partir deles, ouvir e saber qual foi o seu papel na execução das políticas nazistas.

Outra preocupação da autora foi pesquisar o comportamento que os adultos, protagonistas da deflagração da II Guerra, adotaram depois da capitulação do III Reich. Ela observa observou a tendência das pessoas em recusarem-se a falar sobre o período, a negarem os campos de concentração. O trauma é vivenciado por todos e passado de geração em geração.

A autora destaca com habilidade a coerência e a ética apoiando-se nas tipologias da narrativa literária para amenizar a leitura e o contato com o leitor. A autora utilizou-se das narrativa jornalística quando é necessário trazer o rigor dos horrores vividos de forma coerente antes, durante e no pós-guerra II Guerra; da narrativa histórica quando precisou basear em relatos, fotos, filmes, documentários e entrevistas com os “atores” de ambos os lados do período em questão. E de forma magistral traz ao longo das páginas a sua própria história, sua vivência de cada fato apurado, sem perder a face real do período de 1938 à 2000 em *O trauma alemão: experiências e reflexões, 1938-2000*, a qual aqui é analisada pela narrativa biográfica.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre estrutura**. 1ª ed. Ática 2004.

CORTAZZI, M. **Narrative analysis**. Londres: The Falmer Press, 1993.

FERNANDES, D. Narrativas biográficas na formação inicial de professores de Matemática: Reflexões a partir de um olhar retrospectivo. In E. C. de Souza (Org.), **Memória, (auto)biografia e diversidade: Questões de método e trabalho docente**. São Salvador. Editora da UFBA. 2011.

FIORIN, José L. & SAVIOLI, Francisco P. **Para entender o texto**. São Paulo, Ática, 1990.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1969.

GRITTI, Jules. et alii. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1972.

MAGALHÃES, R. **Técnica de redação – A recepção e a produção de texto**. São Paulo Brasil.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia: um produto à venda**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

RÜSEN, J. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SERENY, Gitta. **O trauma alemão: experiências e reflexões, 1938-2000**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SCHMIDT, Benito B. **“Construindo biografias... Historiadores e jornalista: aproximações e afastamentos”**. Estudos Históricos: Rio de Janeiro, 1997.

SILVA, Weder F. da Silva. **Memórias e narrativas (auto) biográficas**. Gomes, Ângela M. de Castro; Schmidt, Benito Bisso (org.). Rio de Janeiro. FGV; Porto Alegre. UFRGS, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Tipologias textuais literárias e linguísticas**. Texto apresentado no I Simpósio de Língua Portuguesa e Literatura, em 02/10/2003. Uberlândia – Minas Gerais. 2003.

VIEIRA, Karine M. **Biografia como gênero jornalístico: experiência narrativa na contemporaneidade**. Tese do mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.